

## “OBRIGAÇÕES DO HORIZONTE II... VISTA INEVITÁVEL”.



Joaquim Cesar da Veiga Netto (\*)

No período de 04 de agosto a 10 de setembro de 2010, o Museu Casa das Onze Janelas, na cidade de Belém, estará apresentando ao público a exposição “Obrigações do Horizonte II... Vista Inevitável”, do artista pernambucano Bruno Vieira – Prêmio Secult de Artes Visuais.

O artista, na série “Vista inevitável”, mostra fotografias de paisagens impressas sobre persianas, e sem qualquer ousadia de ser visto como fotógrafo, Bruno sinaliza possibilidades de reflexão sobre as questões que circundam a noção de imagem na sociedade contemporânea, que tem sido definida como a sociedade da imagem. Porém, mais que uma sociedade de imagens somos uma sociedade de “imagens-clichê”. É um universo de imagens que dialogam com certos arquétipos pictóricos que povoam o inconsciente de nossa civilização. Aliás, a nossa tradição cultural logrou identificar esses arquétipos com a construção perspectivada que reflete de forma ilusória o efeito do “real”, onde a fotografia faz basear o seu “semelhante ilusionismo” com esta ideologia cristalizada na imagem figurativa. Além, da necessidade premente do público não especializado, em classificar o trabalho como persianas, fotografias,

paisagens, artefatos decorativos etc... Tal como nomeou Burroughs, a sociedade contemporânea é a sociedade do “controle”.

Não é à toa, que Bruno Vieira, na série “Vista inevitável” engendra linhas de fuga para escapar por todos os lados deste “controle”, produzindo “invasões planejadas” através do seu processo de criação, que metaforicamente instiga deslizamentos de sentidos, isto é, como diz Foucault, a criação é sempre um processo de desvio. As “invasões planejadas” permitem um passeio por instituições tão específicas como a pintura, a fotografia e a arquitetura – experimentando o que tem sido uma reivindicação do campo da arte – a “liberdade de expressão”.

Assim, seria inócuo tentar classificar a série “Vista inevitável” como objetos, fotografias ou qualquer coisa do gênero. Certamente, é inegável a referência irônica à janela renascentista, conceito do quadro perspectivado pelo qual se alicerça a paisagem. Aliás, a pintura em perspectiva, concebida a partir dos postulados de Alberti, implica três escolhas fundamentais por parte do artista: momento de representação do tema, ponto de vista e campo de visão, ou seja, a margem do quadro. Entretanto, Bruno Vieira, ao se apropriar da temática da paisagem, tão peculiar a pintura em perspectiva, utiliza fotografias impressas sobre persianas, afirmando os pressupostos deste foco para desarticula-los, bem como, parece desestabilizar, cheio de humor, os limites rígidos entre pintura e fotografia, entre artefato decorativo e objeto de arte, entre arte e não arte. Enfim, Bruno Vieira nesta exposição se mostra como um escultor de ideias, que joga com possibilidades expressivas almejando “um mais além”.

(\*) Professor do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá. Doutorando em História e Crítica da Arte pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais – EBA/UFRJ.